

ANÁLISE DE UM POST SOBRE PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA PÁGINA DO INSTAGRAM “QUEBRANDO O TABU”

Mônica Guedes Ferreira (UERN)
profguedesf@gmail.com

RESUMO

O acesso às redes sociais possibilita o contato com diversos temas, desde o mais corriqueiro até o mais complexo e polêmico. Algumas páginas do *Instagram* são claramente adeptas a abordagens mais polêmicas e de grande relevância para a sociedade. Com 7 milhões e 400 mil seguidores, a página “Quebrando o tabu” publicou um *post* sobre preconceito linguístico e proporcionou uma discussão entre seus seguidores, com mais de 900 comentários. Partindo dessa premissa, este trabalho objetiva fazer um estudo de caso, analisando os elementos verbais do *post* e de alguns comentários dos seguidores, tipificados como conservadores. Para isso, vamos recorrer à Sociolinguística, com ênfase nas discussões sobre Preconceito Linguístico, de Bagno (2007), e nas concepções de Variação Linguística e Ensino, de Bortoni-Ricardo (2005). Pretendemos ressaltar, com esta análise, a persistência da supervalorização da norma padrão em detrimento das variantes linguísticas e suas implicações nas diversas práticas sociais.

Palavras-chave:

Preconceito linguístico. Variação linguística. “Quebrando o tabu”.

ABSTRACT

The access to social media makes it possible to come into contact with a variety of topics, from the most mundane to the most complex and controversial. Some *instagram* pages are clearly adept at more controversial approaches and of great relevance to society. With 7 million and 400 thousand followers, the page “Quebrando o tabu” published a *post* about linguistic prejudice and provided a discussion among its followers, with more than 900 comments. Based on this premise, this paper aims to make a case study, analyzing the verbal elements of the *post* and some comments from followers, typified as conservative. To do so, we will resort to Sociolinguistics, with emphasis on the discussions on Linguistic Prejudice, by Bagno (2007), and on the conceptions of Linguistic Variation and Teaching, by Bortoni-Ricardo (2005). We intend to highlight, with this analysis, the persistence of the overvaluation of the standard norm in detriment of linguistic variants and its implications in various social practices.

Keywords:

Linguistic Prejudice. “Quebrando o tabu”. Linguistic Variation.

1. Considerações iniciais

O prestígio da norma padrão do português brasileiro sempre foi muito notório. Há muito tempo, a gramática normativa vem ditando regras a serem seguidas pelos falantes da nossa língua materna. Porém, o

domínio dessas regras, ou a falta dele, fomenta a falsa ideia de que existe uma escala de valor entre as diferentes formas de se comunicar através da língua. Além disso, muitas pessoas se valem das regras gramaticais para tachar a maneira de se expressar de outras pessoas, utilizando um discurso bem antigo de que a fala em desacordo com a norma é “feia” ou “errada”. Portanto, a gramática pode separar, de forma discriminatória, seus usuários mais competentes dos menos competentes, levando em consideração apenas um aspecto da língua.

Diante dessa problemática, torna-se relevante refletirmos a respeito do preconceito linguístico propagado na sociedade devido à falta de compreensão do que realmente é a língua e dos fatores que a influenciam. É preciso que os falantes do português brasileiro percebam que a língua é muito mais ampla do que as regras contidas num manual. É preciso, também, que eles reconheçam outros fatores que influenciam diretamente no acesso ao conhecimento científico, que são relacionados aos aspectos sociais dos usuários da fala/escrita.

Não há como negar a importância do domínio da norma culta, no entanto, não podemos negar também que o cidadão com menos garantias de direitos terá dificuldade para compreender os processos linguísticos fora do seu uso cotidiano. Esse cidadão provavelmente será uma vítima de discriminação pela sua maneira de falar. Logo, percebemos que o preconceito linguístico é uma forma de preconceito social, pois, como afirma Bagno (1999, p. 43), “o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social”.

Tendo em vista a importância desse tema, o presente trabalho tem por objetivo analisar alguns comentários em um *Post* sobre preconceito linguístico da página do *Instagram* “Quebrando o Tabu”. Para isso, apresentaremos *prints* de alguns comentários e tomaremos como base para as análises os estudos sobre Preconceito Linguístico de Bagno (1999) e as concepções sobre Variações Linguísticas e o Ensino de Língua de Bortoni-Ricardo (2005).

2. O preconceito linguístico

De acordo com Bagno (1999, p. 9-10), “a língua é um enorme *iceberg* flutuando no mar do tempo, e a gramática é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada *norma culta*”. Essa

afirmação reflete muito bem o modo como muitas vezes encaramos a língua. Não reconhecemos que por trás das regras gramaticais, que é uma pequena representação da língua, há uma imensidão de fatores linguísticos, sociais e históricos que influenciam na nossa maneira de falar/escrever.

Quando deixamos de refletir a respeito desses fatores, corremos o risco de enxergar a nossa fala e a dos outros como “boa” ou “ruim”, dependendo do acesso que esse falante teve, durante a sua vida, à gramática normativa. Além disso, limitamos a nossa imagem e a do outro somente a *como* está sendo dito algo, e não ao *que* está sendo dito e *por que* foi dito. Ao desconsiderar os fatores externos às normas gramaticais, muitas vezes temos uma visão limitante do discurso do outro, já que o que importa são apenas como soam as palavras, ou como estão sendo organizadas, e não o que elas representam sobre o nosso interlocutor. Sobre isso, Antunes (2007) afirma que

[...] numa abordagem contextualizada, a variação naturalmente aparece. Porque quem está no comando são pessoas; pessoas heterogêneas. São elas que significam; em frases que estão inseridas em um texto, para **alguém**; com a finalidade de informar, ou de expressar um pedido ou uma ordem, colher uma informação, apresentar uma justificativa, refutar uma opinião etc. Ou seja, a língua contextualizada inclui pessoas, inclui sujeitos. Sujeitos, em muitos pontos, mandantes, com capacidade para tomar decisões. Por isso mesmo é que existe lugar para a variação linguística e, conseqüentemente, para diferentes normas. (ANTUNES, 2007, p. 105-6) (grifo nosso)

Nota-se, portanto, que a busca incessante pelo falar unificado é algo idealizado por alguns puristas da língua. Não há como padronizar a forma como uma sociedade inteira se comunica se nela há uma diversidade de cultura e crenças. Além, é claro, da grande diferença social que a permeia. A heterogeneidade social reflete diretamente nas diferentes manifestações linguísticas do povo brasileiro. De acordo com Bagno (2013),

[...] não existem línguas “primitivas”, “pobres”, “atrasadas”, nem línguas “desenvolvidas”, “ricas”, “avançadas” – **todos os modos de falar apresentam uma organização gramatical complexa, perfeitamente demonstrável e exprimível na forma de regras**, ou seja, todos os modos de falar são *lógicos, têm sua gramática própria*. (BAGNO, 2013, p. 47) (grifos do autor)

Ainda que essas sejam informações conhecidas por uma boa parcela da sociedade, o preconceito linguístico mantém-se muito arraigado. Muitos acreditam que se há usos diferentes do que a gramática normativa prega, os “culpados” são os próprios usuários da língua, que não se apro-

priaram do que é um português “bonito” e “correto”. Vale ressaltar que pensamentos como esse permeiam, inclusive, ambientes que deveriam ser mais acolhedores, como a escola, propagando um mito muito conhecido pelos alunos, principalmente os da escola pública, de que a Língua Portuguesa é muito difícil. Porém, esse preconceito ainda não é reconhecido pela maioria das pessoas. Como afirma Possenti,

[...] em nenhum documento está dito que não se tem o direito de discriminar alguém por causa de seu sotaque ou de qualquer outra peculiaridade linguística, embora se condene claramente a discriminação quando baseada em fatores como religião, cor, ideário político, etc. Diria que não só não se trabalha em favor do fim da discriminação linguística, como, pelo contrário, cada vez mais valoriza a língua da escola, que é na verdade a língua do Estado. (POSSENTI *Apud* GERALDI, 2012, p. 54)

Dessa forma, é preciso que a sociedade comece a perceber como acontece o preconceito linguístico para que possamos ser mais justos com os usuários da Língua Portuguesa no Brasil. Lembramos ainda que essa mudança deve ocorrer, principalmente dentro da sala de aula, nas abordagens que o professor escolhe usar com a turma, possibilitando uma melhor compreensão do que de fato é uma língua e ampliando a visão dos alunos a respeito dos fenômenos linguísticos, fora da gramática normativa. Como afirma Bortoni-Ricardo (2005), o aprendizado da norma culta deve ampliar a competência comunicativa e linguística do aluno, que deverá escolher a variedade mais adequada a cada situação de fala.

2.1. As redes sociais e a propagação do preconceito linguístico

O mundo virtual vem ganhando mais adeptos e, com isso, surgem novas formas de comunicação que vão desde um *meme* até um vídeo super produzido. Todavia, a maneira como os usuários das redes sociais utilizam esse espaço pode ser bastante prejudicial a uma parte da sociedade, que muitas vezes não tem nenhum contato com essas mídias, ficando alheia a discussões que a afetam diretamente.

Muitos temas são debatidos em páginas de redes sociais bastante conhecidas. Esses debates, às vezes, são bem elaborados e fundamentados, mas na maioria das vezes, são cheios de desconhecimento, preconceito e oportunismo. Assuntos relevantes se tornam o estopim para que muitas pessoas destilem seu ódio com mensagens grosseiras e sem fundamento. Além disso, podem propagar informações falsas que são tomadas como verdade por uma parte considerável da população.

Tendo em vista que essas situações são bastante corriqueiras, muitas lutas são enfraquecidas por comportamentos desse tipo, inclusive estudos científicos são desvalidados por discursos cheios de negacionismo e vazios de informação, ocasionando um caos que tem consequências reais.

Como foi dito anteriormente, muitas pessoas não reconhecem que o preconceito linguístico existe, e isso se torna ainda mais evidente nas redes sociais, pois muitas pessoas são “corretores” de plantão, procurando os deslizos de internautas a fim de apontar “erros inaceitáveis”.

Se pautas importantes como racismo e homofobia são, muitas vezes, questionadas por usuários de ambientes virtuais mesmo sendo crimes, imaginemos então como a maioria da sociedade encara mensagens que pregam o preconceito linguístico. Será que as pessoas percebem que ao apontarmos “erros” de português de uma pessoa, que pode ter milhares de seguidores, não acrescenta nada no diálogo e no engajamento de causas realmente relevantes?

O preconceito linguístico também vem tomando forma nos ambientes virtuais. Ele é reforçado até por pessoas que deveriam mostrar que as variedades linguísticas precisam ser respeitadas. Mesmo que saibamos que há alguns perfis empenhados em mostrar que a Língua Portuguesa vai muito além de gramática, sabemos que esse tipo de conteúdo não é muito procurado pela população geral, exatamente por não reconhecerem a importância de debater sobre isso. Dessa forma, internautas sem nenhum respaldo científico vão fomentando a falsa ideia de que existem o “certo” e o “errado” na língua. E o pior, que o “errado” deve ser abominado com todas as forças. Essa prática é bem perceptível quando algum seguidor comenta uma postagem para apontar um desvio gramatical, ou para zombar do sotaque de outrem.

Essas posturas são reflexo do que a maioria de nós aprendeu na escola, e fora dela: não é aceitável que um brasileiro não saiba utilizar a gramática, exemplificando um tipo de relação entre o real e o virtual. Sobre isso, Lévy (1999) afirma que

[...] é impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material – e menos ainda sua parte artificial – das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam [...]. (LEVY, 1999, p. 21)

2.2. “Quebrando o tabu” contra o preconceito linguístico

O acesso às redes sociais permite que tenhamos informações dos mais diversos âmbitos. Desde uma roupa utilizada por uma famosa até temas políticos de grande relevância. Um mesmo internauta transita por essas informações de forma rápida e dinâmica, muitas vezes, escolhendo o que pretende acompanhar como conteúdo, e decidindo o que pretende fazer com ele. Com isso, perfis são desenhados a fim de atrair um público mais amplo ou mais específico, dependendo do objetivo do seu administrador.

Um desses perfis é a página do *Instagram* “Quebrando o tabu”. Ela possui atualmente mais de sete milhões de seguidores e aborda temas polêmicos, possibilitando debates por meio dos comentários. Ressaltamos que é possível que comentários sejam replicados, como num debate convencional.

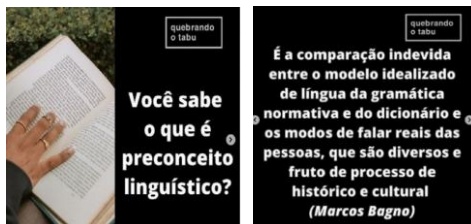
No dia 28 de setembro de 2021, a página publicou um *post* intitulado “Você sabe o que é preconceito linguístico?”, utilizando uma sequência de explicações com intuito de conceituar a expressão para seus seguidores, citando inclusive Marcos Bagno. Algumas pessoas conseguiram compreender a ideia da postagem, comentando de forma positiva. Por outro lado, infelizmente, muitos não captaram o verdadeiro objetivo da postagem e responderam com comentários carregados de preconceito linguístico.

Diante disso, consideramos necessário analisar algumas dessas respostas com o objetivo de reconhecer como o preconceito linguístico ainda continua enraizado na população brasileira, mesmo que muita coisa já tenha mudado no ensino de língua materna.

3. Marcas de preconceito linguístico nos comentários do post




Para a verificação do teor dos comentários, selecionamos oito exemplos a fim de fazer uma análise baseada em alguns mitos sobre a Língua Portuguesa, apresentados por Bagno (1999). Os comentários serão apresentados conforme o mito que eles representam e, em seguida, faremos uma breve análise. A seguir, vejamos as duas primeiras lâminas da postagem que gerou os comentários.





Figura 01: Postagem na página “Quebrando o tabu”, em 28 de setembro de 2021.

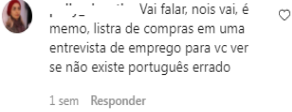


Como o *post* obteve mais de 900 comentários, consideramos importante apresentar neste artigo alguns que representem os mais conservadores. Abaixo, mostramos uma tabela com esse material selecionado e as análises feitas baseadas nas concepções de Bagno (1999).

Tabela 01:

MITO	COMENTÁRIO	ANÁLISE
<p>Mito nº 1 – “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”</p>	<p> Já ouvi falar de ignorância. Vamos estudar e aprender a língua. A continuar assim daqui a pouco estaremos falando dialetos sem ninguém se entender. Pq cada um pode falar do jeito que quer...</p> <p>1 sem 48 curtidas Responder</p> <p>— Ver respostas (9)</p>	<p>No primeiro comentário apresentado, observamos que o/a seguidor/a acredita que as diferentes formas de falar impedem a comunicação, deixando subentendido que é preciso existir apenas uma forma de se expressar através da língua.</p>
	<p> Agora foi que lascou, querem relativizar até o português. O errado errado e o certo é certo e ponto final.</p> <p>1 sem 33 curtidas Responder</p> <p>— Ver respostas (4)</p>	<p>Neste comentário, o/a seguidor/a deixa claro que não há possibilidade de manifestações variadas do português, pois, para ele, existe uma classificação bem delimitada do que é “certo” e “errado” na língua.</p>
<p>Mito nº 2 – “Brasileiro não sabe português / só em Portugal se fala bem português”</p>	<p> Preconceito, de qualquer tipo, é horrível. Mas, duvido que o Bagno aceite que seu filho/filha fale “nois foi”, “agente fomos” etc. Nossa língua é uma das poucas coisas decentes que os portugueses deixaram como herança. vamos cuidar dela com um pouco mais de cuidado.</p> <p>4 sem Responder</p>	<p>Exemplificando o mito 2, o/a autor/a deste comentário apresenta uma visão muito comum entre os falantes da Língua Portuguesa no Brasil: o de que o português brasileiro precisa ser exatamente igual ao de Portugal para ser considerado “certo” ou “bonito”.</p>

<p>Mito nº 4 – “As pessoas sem instrução falam tudo errado”</p>	 <p>... - Não sou culto mas tento falar, ler e escrever o mais claro e correto possível. Tudo é questão de educação. Chega soar feio tipo, nós vai, nós fumo e coisa e tal. Por favor, uma postagem em prol ao analfabetismo e a fala da favela e encarar que o Brasil está se tornando um país de 5º mundo, indo de mal a pior. □□□□□□</p> <p>1 sem Responder ...</p>	<p>Esse mito talvez seja um dos mais propagados, já que representa bem as diferenças sociais refletidas nas variantes linguísticas. O/a seguidor/a ressalta que, apesar de não ser uma pessoa culta, tenta falar e escrever “correto”, enfatizando que isso é resultado da sua “educação”. Ele relaciona, ainda que a luta contra o preconceito linguístico favorece o analfabetismo, utilizando uma expressão bastante preconceituosa, “a fala da favela”.</p>
<p>Mito nº 6 – “O certo é falar assim porque se escreve assim”</p>	 <p>... Si nao existe lingua coreta tamben não existe excrita serto!</p> <p>4 sem Responder</p>  <p>... Ahh pronto. Agora o errado é certo. Então queimem os livros de língua portuguesa e dicionários. Português tem regras. E essa é a forma certa de se falar, fim.</p> <p>1 sem 17 curtidas Responder</p> <p>— Ver respostas (20)</p>	<p>Neste exemplo, a pessoa utilizou o sarcasmo a fim de fazer uma relação direta entre fala e escrita, como se ambas não possuíssem suas peculiaridades. Logo, a escrita seria a representação do ideal do “correto” na língua.</p> <p>Reforçando, também, o que prega o mito 6, o comentário aqui apresentado reforça a ideia de que os livros direcionados ao estudo da língua são a representação fiel do que ela é, portanto, se o “correto” deixasse de existir, não haveria necessidade das gramáticas e dos dicionários. O comentário é um exemplo claro de como muitas pessoas acreditam que a escrita se sobrepõe à fala.</p>
<p>Mito nº 8 – “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”</p>	 <p>... Vai nessa ideia fazer concurso público, vestibular ou seleção de emprego. Vai dar certo □□.</p> <p>4 sem Responder</p>	<p>Reforçando o que afirma o mito 8, o/a autor/a do comentário destaca que o domínio das regras gramaticais permite o acesso a cargos públicos e privados. Porém, limita-se apenas à assunção do cargo, sem levar em conta se realmente</p>

		há uma ascensão social. Sobre isso, Bagno (1999) afirma que os professores de português deveriam estar no mais elevado nível da pirâmide social caso esse mito fosse verdade.
	 <p>Vai falar, nois vai. é memo, lista de compras em uma entrevista de emprego para vc ver se não existe português errado</p> <p>1 sem Responder</p>	Neste comentário, percebemos, também, que há uma adesão ao mito 8, já que a internauta destaca que as variantes de fala menos privilegiadas impediriam seus usuários de serem aprovados numa entrevista de emprego, limitando as possibilidades desse falante no mercado de trabalho.

Fonte: Elaborada pela autora.

É notória a persistência do preconceito linguístico nos comentários analisados. Essa persistência tem causas muito fortes, porém é preciso que haja um debate constante em diversos contextos a fim de alertar a respeito das consequências sociais ocasionadas pela exclusão de pessoas que utilizam variedades desprestigiadas da língua na sociedade.

Vale ressaltar que os comentários apresentados são somente uma amostra de muitos outros com características conservadoras muito parecidas, mesmo que o objetivo do *post* tenha sido, claramente, mostrar a necessidade de respeitarmos as diferentes formas de manifestações linguísticas, e não de abominar as regras da gramática normativa.

Lembramos, ainda, que muitos dos textos escritos, que apresentavam crítica ao *post*, continham desvios da gramática normativa. São exemplos disso as seguintes passagens: “Já ouvi falar de ignorância” (sem acento), “...para vc ver se não existe português errado” (uso de abreviação “vc”). Isso mostra que, mesmo os mais conservadores, não percebem que são vítimas de uma imposição gramatical que foge da realidade. Não escrever conforme todas as regras da norma culta não impediu que essas pessoas se comunicassem na postagem em questão.

No entanto, como foi dito anteriormente, o preconceito linguístico ainda é uma pauta relativamente recente, por isso consideramos que a postagem da página “Quebrando o tabu” foi extremamente relevante para o debate sobre o tema. Além disso, possibilitou que alguns dos seus se-

guidores repensassem sobre a questão e enxergassem as variantes linguísticas de forma mais positiva.

4. Considerações finais

A análise dos comentários possibilitou um olhar mais atento a respeito de como o público, seguidor da página, percebe o fenômeno da variação linguística. Notamos que ainda há uma desinformação muito grande sobre o assunto, e que o português utilizado pelas classes privilegiadas continua sendo exaltado e utilizado como meio de repressão da população menos favorecida.

Essa constatação reforça a importância do engajamento de profissionais de Letras, principalmente professores, em propagar as informações devidas a respeito da relevância da língua viva e real às pessoas de diferentes camadas sociais, ressaltando o respeito às diversas manifestações da língua existentes no Brasil.

Diante do exposto, salientamos que o apoio da comunidade em geral faz-se necessária a fim de diminuir a prática do preconceito linguístico. Assim como a página “Quebrando o tabu”, outros canais de comunicação e pessoas influentes podem apresentar a temática ao seu público, alertando sobre as consequências desastrosas dessa prática. Talvez com ajuda de pessoas dentro e fora da escola, tenhamos uma sociedade com mais acesso à norma culta, e mais respeito às variantes da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*. São Paulo: Parábola, 2013.

BORTONI-RICARDO, STELLA MARIS. *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2005.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Editora 34, 2009.

POSSENTI, Sírio. Gramática e Política. In: GERALDI, J.W. (Org.). *O Texto na Sala de Aula*. São Paulo: Anglo, 2001.